

GRIÔS SISALEIROS: DAS TRADIÇÕES E SABERES ORAIS AOS PROJETOS CULTURAIS

Edisvânio do Nascimento Pereira¹

Orientadora: Dra. Edil Silva da Costa²

Resumo: Esta pesquisa, ainda em fase inicial, pretende observar as tradições e saberes orais dos Griôs Sisaleiros no Assentamento Lagoa do Boi, mais conhecido como povoado Rose, em Santaluz/Bahia. Trata-se de um projeto cultural, coordenado por pessoas da referida comunidade e nasce a partir da articulação dos saberes e fazeres dos seus moradores, junto às ONGs³ locais e regionais. Sendo uma comunidade predominantemente oral, busca-se fazer uma abordagem, a partir dessas experiências e saberes, das influências para os projetos culturais nos modos de produções artísticas, na cultura local e afirmação identitária dos moradores. Será utilizado a pesquisa observação participante, com entrevista semiestruturada, bem como análise documental. Espera-se contribuir para melhor compreender os modos de vida e produção cultural do Povoado Rose, assim como reunir dados para futuras pesquisas.

Palavras-Chave: Griôs. saberes orais. cultura local. ressignificação. identidades.

INTRODUÇÃO

O povoado Rose é uma área de Assentamento de Reforma Agrária, localizada na zona rural do município de Santaluz, no Território de Identidade do Sisal⁴, distante 258 km de Salvador. A comunidade é denominada Projeto de Assentamento Lagoa do Boi conforme dados do INCRA⁵. Entretanto, os assentados optaram por chamá-lo de Povoado Rose, em homenagem a Roseli Celeste Nunes da Silva, uma líder camponesa, que morreu em um conflito de terra, no início do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), na década de 80, no Rio Grande do Sul. Desse modo, procura-se respeitar a importância simbólica que seus moradores dão a essa referência e opta-se por chamá-lo também de Povoado Rose. É oportuno esclarecer que diferentemente da maioria dos Assentamentos de Reforma Agrária no Brasil, o Rose, não foi oriundo da mobilização do MST, mas, da articulação de um conjunto de Sindicatos de Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares, que integram a Fundação de Apoio aos Trabalhadores Rurais da Região do Sisal (FATRES).

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II. Endereço Eletrônico: edisvanionascimento@yahoo.com.br

² Docente no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

³ Organizações não Governamentais.

⁴ Criado em 2002, é composto por 20 municípios e ocupa uma área territorial de 21.256,50 quilômetros quadrados. Sua população é de 582.165 habitantes. Somente em 2004, a espacialidade Território do Sisal, passa a ser reconhecida oficialmente no mapa da Bahia. A divisão dos Territórios é um acontecimento recente, fruto da Política Territorial criada no primeiro mandato do Governo Lula. O Território da Cidadania é uma estratégia de desenvolvimento regional sustentável e garantia de direitos sociais voltados às regiões do país que mais precisam, com o objetivo de levar o desenvolvimento econômico e universalizar os programas básicos de cidadania. Em: <http://www.territoriosdacidadania.gov.br>

⁵ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Convém dizer que “Griôs sisaleiros⁶ das tradições e saberes orais aos projetos culturais”, é uma iniciativa, que emerge a partir de nosso olhar, enquanto pesquisador e sujeito que integra estes movimentos e tem a pretensão de fazer uma abordagem, a respeito dos saberes dos mestres, por meio da pesquisa de observação participante, com entrevista semiestruturada. A ideia é discutir a partir dessas experiências e dos projetos culturais, como se dão os modos de produções artísticas e se há resignificação da cultura do povoado Rose.

Para este estudo, observa-se também, além da pesquisa de campo, toma-se como corpos da pesquisa o banco de dados do IMAQ⁷ e da LIDER⁸ Organizações não Governamentais, que desenvolvem projetos culturais no povoado Rose e em áreas de assentamentos do Território do Sisal. Reunimos materiais produzidos, como: cópias de projetos desenvolvidos na comunidade, fotos, relatórios de atividades, matérias e reportagens veiculadas na imprensa local, regional e nacional, desenhos, pinturas, roteiros de peças teatrais, xilogravuras, literaturas de cordel, contos, causos e livros produzidos através da articulação e da vivência da comunidade com instituições parceiras.

Quanto ao percurso metodológico, opta-se pela pesquisa de observação participante, com entrevista semiestruturada. Para Marconi e Lakatos a pesquisa de observação participante,

[...] consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste (MARCONI; LAKATOS, 1990, p. 82).

Por se tratar de um objeto, o qual, o pesquisador possui relações enquanto incentivador e mediador, desde 2006, pode trazer certa facilidade. Mas, ao mesmo tempo, faz um chamado, para um trabalho mais cauteloso acerca da metodologia proposta por Marconi e Lakatos, o que nos instiga recorrer às contribuições do teórico da comunicação Marcondes Filho. Este autor define a importância do observador participante, ao dizer que consiste em não haver,

[...] como estudar a comunicação estando fora dela, como um objeto estranho, distante, em outro contexto de espaço e tempo. Por isso a área da comunicação é substancialmente diferente das outras áreas humanísticas, a linguística, a psicologia, as ciências humanas em geral (MARCONDES FILHO, 2008, p. 152).

⁶ A palavra griot é provavelmente de origem francesa, significa mestre do saber oral, e passou a ser empregada na África para conceituar os animadores públicos, ou seja, pessoas responsáveis pela transmissão de saberes para as novas gerações, através da história oral. No Brasil, a palavra foi adaptada para a nossa língua – Griot para Griô – contudo, não alterou o seu significado. O termo sisaleiro é derivado da palavra sisal, planta nativa da caatinga do qual é extraída a fibra para confecção da corda de sisal e outros derivados.

⁷ Instituto Maria Quitéria.

⁸ Liga Desportiva e Cultural dos Assentamentos da região sisaleira.

Quanto ao aporte teórico, buscamos caminhar à luz de estudiosos, como: Stuart Hall, Hampâté-Bá, Zygmunt Bauman e outros que nos permitem pensar a respeito do saber oral, identidade e modos de produção, como um exercício capaz de empoderar o conhecimento, construir e compartilhar saberes comum a todos e que possam ser vivenciados em diversos contextos sociais.

CULTURA POPULAR E IDENTIDADE: BREVES REFLEXÕES

Para melhorar a nossa percepção, sobre o uso de termos utilizados pelos moradores do povoado Rose, como, cultura popular, recorreremos a Roger Chartier (1995). O autor esquematiza a conceituação, reduzindo a sua abordagem, para duas formas de interpretação:

[...] concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo a parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada (CHARTIER, 1995. p. 179).

Para o estudioso, essas duas formas de explicação, necessariamente não se confluem, podendo ocorrer também, o uso de ambas pelo mesmo autor e na mesma obra. Enquanto Stuart Hall observa que a cultura popular, é vista conforme as suas relações de forças sociais onde,

[...] há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular, para cercá-la e confiar suas definições e formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e corre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas e perdidas (HALL, 2003, p. 254).

Identidade é outra terminologia bastante utilizada pelos moradores do Povoado Rose. Acerca disso, convém-nos, evocar o teórico cultural e sociólogo jamaicano Stuart Hall. Ele diz que identidade surge de uma falta de inteireza que é 'preenchida' "[...] a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos sermos vistos por outros" (HALL, 1999, p. 39). Ainda conforme o mesmo teórico, "[...] continuamos buscando a 'identidade' e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude" (HALL, 1999, p. 39).

Nota-se a partir da visão de Stuart Hall, a existência de uma dificuldade, quanto à conceituação de identidade, enquanto identidade fixa, de modo que, o sociólogo considera o termo como, "[...]

demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e compreendido na ciência social contemporânea” (HALL, 2005, p. 8). E por fim, o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman (2005) alerta-nos para o fato de que as identidades “[...] flutuam no ar, algumas de nossas próprias escolhas, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, p. 19).

SABERES E EXPERIÊNCIAS QUE RESSIGNIFICAM A CULTURA LOCAL

O movimento diverso e o universo de saberes e fazeres dos mestres da oralidade, articulados com as lideranças da própria comunidade, proporcionaram o estabelecimento de parcerias com Organizações não Governamentais, e assim, nasceram os projetos culturais, que permitiram a transformação de um acervo historiográfico e se configurou nas produções desses bens, serviços e produções culturais, já catalogados.

Deve-se ressaltar que, muitas pessoas integrantes da comunidade, não tiveram a oportunidade de ir para a chamada escola formal, para concluir o ensino médio, um curso profissionalizante ou mesmo superior. Porém, essas colocações não podem ser aplicadas aos filhos e filhas dos assentados, pois este cenário tem mudado consideravelmente, no qual, se pode observar a presença de jovens e adultos ocupando os espaços do conhecimento (escola/universidade). Trouxemos a informação acerca das pessoas que não foram à escola formal, concluir os seus estudos, para explicarmos que embora não tenham o chamado saber científico, são detentores de um vasto conhecimento, que chamaremos aqui de “saber oral”.

O pensador da tradição oral africana, Amadou Hampâté-Bá, diz que, “[...] a fala é um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido de descendente e sagrada no sentido de ascendente” (HAMPÂTÉ-BÁ, 1982, p. 155). Isso nos faz pensar que a oralidade, adquire uma importância de maior significado, ao passo que reconhecemos a palavra, como uma capacidade pertencente ao ser humano e que em qualquer lugar, ou sociedade, ela sempre precede à escrita.

Com a percepção e olhar voltados para as práticas articuladas pelos moradores do povoado Rose, o IMAQ desenvolveu o projeto Expressões Sertanejas⁹ e este teria configurado enquanto possibilidade efetiva de revalidação, reconhecimento, valorização e divulgação das diversas práticas artístico-culturais, perpassando pela historicidade da comunidade, passando por suas vivências culturais tradicionais e indo até a criação de bens e produtos autorais (IMAQ, 2005).

⁹ Ponto de Cultura Expressões Sertanejas, convênio firmado entre o IMAQ e o Ministério da Cultura – MinC, através do Programa Cultura Viva, cujo objetivo é apoiar projetos culturais em todo país.

Observa-se que foram criados e desenvolvidos instrumentos técnico-pedagógicos, para a rememoração e valorização do patrimônio histórico-cultural da comunidade, interferindo nos processos de conscientização da identidade sócio/cultural — os mais diversos perfis artístico/culturais e matrizes históricas e socioculturais locais (IMAQ, 2005). É neste contexto, que nasce o Projeto Griôs Sisaleiros. Este surge como resultado das interações empreendidas pelo Projeto Expressões Sertanejas, permitindo a reafirmação cultural firmando a história e a base formativa da população da comunidade de Rose.

Convém dizer que grande parte dos Griôs da Comunidade de Rose, é formada por pessoas idosas, que passam os seus conhecimentos, através da oralidade, para crianças, jovens e adultos da comunidade. As atividades acontecem através de oficinas realizadas toda semana. De acordo com José Roque Saturnino de Lima¹⁰, o projeto é importante porque “[...] isso tem permitido a interação entre os moradores, e também a gente vê o fortalecimento da identidade e o crescimento do valor dos saberes e dos fazeres culturais da comunidade” (LIMA, entrevistado em 2010). Sobre estes argumentos, o teórico africano Hampâté-Bá, contribui ao se referir às tradições orais africanas dizendo que,

Quando falamos em tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, principalmente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos (HAMPÂTÉ-BÁ 1982, p. 81).

Para o mesmo autor, as tradições, saberes e fazeres orais, são “a grande escola da vida”. A respeito deste ponto de vista, com o olhar voltado para a cultura do saber e do fazer oral, trazemos algumas contribuições de personagens integrantes do projeto Griôs Sisaleiros. Trata-se de relatos a respeito do desenvolvimento das suas atividades no Projeto, bem como, a sua relevância para a comunidade, reforçando a ideia de ressignificação da cultura local e a afirmação identitária do Povoado Rose:

[...] como eu trabalho com crianças de oito anos, é eles não tem esse conhecimento, e eu estou transmitindo para eles, então eu acho muito bom. Porque a gente sabe que na zona rural às vezes, tem muita família que tem dificuldade na sobrevivência, né? E com esse ponto, de cultura de alimento, eu acho que acaba a maioria da fome, porque a gente usa tudo que a gente tem na

¹⁰ Formado em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia, através do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária). Morador do Povoado Rose desde a ocupação e implantação do Assentamento. É poeta, cordelista e contador de causos. Diretor da Liga Desportiva e Cultural dos Assentamentos e integrante de diversos Conselhos municipais e estaduais, dentre eles, o de Cultura. Exerce a função de Griô aprendiz, trabalhando oficinas de contações de causos, elaboração de cordel, xilogravuras, peças teatrais, composições musicais e organização dos materiais coletados para o acervo cultural da comunidade e do projeto.

roça é usado, a casca do aipim, a casca da banana, a folha do aipim, a folha da batata, da abóbora, enfim tudo é aproveitado. [...] E hoje agente tem o prazer de passar isso para os meninos, pois a alimentação deles vai ser bem melhor e a gente sabe que desnutrição vai acabar. A desnutrição do corpo e da mente (M.J.D.M¹¹, ENTREVISTADA EM 2007).

A narrativa da entrevistada faz-nos perceber que, o trabalho por ela desenvolvido, trata-se de uma atividade interessante realizado no Rose. Na engrenagem do projeto, ela desempenha o importante papel de repassar os seus conhecimentos de arte culinária, se apropriando da matéria prima existente, na roça da comunidade. Ela nos permite perceber também, a diversidade de saberes e fazeres dos mestres, ao desempenharem suas funções. A dona M.J.D.M revela receitas que utiliza para a confecção de pratos, se apropriando de produtos que estão ali mesmo na sua área de convivência, sem a preocupação de comprar ingredientes industrializados. A mestra, além de trazer aspectos significativos no tocante à cultura, à preservação dos seus valores e conhecimentos, faz-nos perceber também, o comprometimento com o bem estar, saúde e com a qualidade de vida dos moradores do Assentamento.

Conforme descreve em sua narrativa, Dona M.J.D.M, nos possibilita refletir acerca do Projeto Griôs Sisaleiros, como um instrumento comprometido com a melhoria das condições de vida dos moradores do Rose, por incentivar o desenvolvimento de atividades, utilizando-se de recursos naturais existentes na própria área do assentamento. Na medida em que, as oficinas vão acontecendo, as crianças capacitadas pela entrevistada, se apropriam de conhecimentos ligados à arte-culinária e assim, estes saberes se multiplicam e se ressignificam.

Contudo, chama ainda a atenção, uma frase da entrevistada, quando diz: “[...] a gente sabe que a desnutrição vai acabar. A desnutrição do corpo e da mente”. Utilizemo-nos da frase da entrevistada, para metaforizar, pensando também que a partir da existência do projeto, o risco do desaparecimento dos saberes seja reduzido, por imaginarmos que este tem contribuído para a vivacidade dos saberes orais dos seus mestres, que estão repassando para os mais jovens.

Já o Mestre P.I.C, faz revelações que nos permite termos uma ideia, de como era a vida destes senhores e senhoras, antes e após o Projeto.

[...] ói... eu posso dizer que eu andava meio desanimado, meio... Meio triste até. As vez sentia um desânimo danado. Num tinha alegria mais. Até meu cavaquinho, eu

¹¹ Desde a instalação do Assentamento em 1989 ela reside na comunidade de Rose. Durante a sua vida dedicou-se ao Ofício de parteira por muitos anos, quando muitas mães ainda não tinham acesso aos hospitais da cidade, era ela que socorria as mães que entravam em trabalho de parto e muitas crianças do assentamento e de regiões vizinhas nasceram sob os seus cuidados. Sempre foi dona de casa, adoradora das cantigas de roda, se dedicando inclusive a compor algumas destas cantorias. No Projeto exerce a atividade de Griô responsável pelas oficinas de culinária regional e alternativa, fototerapia, benzedeira, música de raiz e artesanato em fibra de sisal e pindoba.

pouco bulia nele. Sabe? Mas tu vê? Adespois que nós cumecemos fazer as roda de prosa, os movimento (emocionado) a despois que vimos com a associação, com o IMAQ. Adespois que chegou os projeto, esses, esses projeto, fez com que nós saísse de casa, nós visse que nós sabemos um bocado de coisa boa e que nós pode passar pros meninos. Então, é muito bom! Nós hoje já vê a comunidade, os menino, as menina, o povo, os véios saindo das casa pra mode tá com a gente. Hoje, pego no meu cavaquinho com alegria, toco, ensino, faço cantoria e me sentino alegre demais. Home! Isto é bonito demais! Fico muito sastifeito [...] (P.I.C¹², ENTREVISTADO EM 2010).

Com o depoimento de seu P.I.C, podemos perceber dois cenários existentes no povoado Rose, o primeiro, antes das movimentações e chegada dos projetos, quando, havia desmotivação, principalmente dos senhores, por não terem atividades para realizar e já não reunirem condições de ir ao trabalho da roça, se encontravam recolhidos em suas casas, se sentindo isolados.

O segundo aspecto, é que, com a chegada dos projetos culturais, estimula-se, uma movimentação bastante significativa, onde os moradores passam a participar de atividades culturais, cada um mostrando as suas habilidades, organizando as rodas de conversa, as rodas de samba, as contações de histórias entre outras. E neste movimento, são inseridas pessoas de todas as faixas etárias, residentes do povoado Rose.

José Luiz da Silva Lima¹³ se refere ao Projeto Griôs Sisaleiros, como algo que se notabilizou em revelar e dar valor à trajetória da organização social e histórica da comunidade Rose, segundo ele,

[...] foi a partir do Projeto dos Griôs Sisaleiros, foi revelada e valorizada toda uma trajetória sociocultural, histórica e política de indivíduos e grupos, que efetivamente influenciaram decisivamente para a organização de todo um processo de construção social que serve como referencial para a vida nestas comunidades. E no Povoado Rose isso não foi diferente (ENTREVISTADO, 2014).

José Roque Saturnino de Lima, que integra os projetos culturais e é Griô aprendiz, destaca os impactos do Projeto, na comunidade, no que tange à ressignificação da identidade cultural do Rose,

[...] o principal impacto que tem trazido para as comunidades, tem sido a reapropriação da identidade cultural das pessoas que por motivo do avanço tecnológico, da cultura artística considerada de massa e o modismo passou muito tempo negando suas raízes culturais e vendo seu principal bem sendo esmagando. [...] pudemos concretizar um sonho comunitário de refazer a história cultural da comunidade era o momento de trazer de volta as rodas de contação de causos, de reinventar a vida, de integrar a comunidade. [...] partindo da nossa realidade. Um povo sem “memória” é um povo que aos poucos vai perdendo sua verdadeira identidade, [...] vimos crianças e adolescentes mobilizando os líderes e mestres da comunidade para escrever, por no papel a história da comunidade, transformar em peça de teatro, em artes plásticas, em cordel, xilogravura, letras de músicas dentre outros ramos do conhecimento (LIMA, ENTREVISTADO EM 2010).

¹² Morador do assentamento desde 1989. Na época da entrevista tinha 70. anos. Lavrador aposentado. Atua com Contações de causos e histórias da região, instrumentista, rezas, músicas e cantorias.

¹³ É Psicólogo formado pela Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC em Feira de Santana. Diretor Executivo de Projetos e Extensão do IMAQ.

Em sua fala, o José Roque ressalta que apesar das dificuldades enfrentadas, puderam concretizar o sonho comunitário de “refazer” a história da comunidade cultural. Dessa forma, pode-se supor que, com a chegada do Projeto, a comunidade passa a revivificar a sua própria história. Percebe-se também, o cuidado em observar sempre a realidade da comunidade. A este sentido, notamos que os idosos, os donos de saberes oralizados, estavam desmotivados, sem ânimo para sair de suas casas. Entretanto, a partir do projeto, surge a oportunidade de dar-lhes espaço de voz e de estas vozes, ecoarem e repassarem saberes para os mais jovens. Tornando-se então, um ambiente de trocas de saberes e de vivências de experiências.

José Roque ao dizer que “[...] Um povo sem memória é um povo que aos poucos vai perdendo sua verdadeira identidade [...]” e ao enfatizar que crianças e adolescentes mobilizaram os líderes e mestres da comunidade para escrever, permite-nos dizer que a presença do projeto, aliado às vontades e aos saberes dos mestres ressignificam a cultura da comunidade e traz de volta o sentimento de pertença quanto à sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos depoimentos coletados até o momento, podemos notar a existência de mudanças consideráveis na comunidade, quanto aos modos de produções artísticas, levando-nos a crer que, diante dessa diversidade de movimentações, o Projeto Griôs Sisaleiros têm contribuído para a ressignificação da cultura do Povoado Rose no município de Santaluz.

Constatamos que a partir dos saberes e fazeres orais, presentes na comunidade Rose em Santaluz e através de suas articulações, aliadas à capacidade de estabelecer parcerias, contribuem para a ressignificação da cultura local, na busca de uma afirmação identitária de seus moradores.

Verificamos nos moradores de Rose a compreensão de que para se viver em comunidade, existe a necessidade de haver o partilhamento de ideias e objetivos numa perspectiva de coletividade. Eles têm procurado fazer acontecer a implementação de projetos, que visam colaborar para o fortalecimento da vida social, cultural e comunitária de sua respectiva localidade.

Estes tipos de comportamentos permitem-nos pensar que podem contribuir para a ressignificação dos seus valores identitários e culturais locais, quanto a sua história de vida e seus modos de produções, sem negar ou esquecer a história dos seus antepassados.

Esse estudo, embora estando em fase inicial, aponta para uma perspectiva, a qual nos leva a crer que o movimento cultural pode ter possibilitado mudanças para a cultura e a vida da

comunidade pesquisada. Mas ao mesmo tempo, sugere-nos que nos aprofundemos nos estudos, em busca de investigar quanto às experiências dos mestres da oralidade, suas artes de se articularem, na tentativa de dar novos significados à cultura do povoado Rose em Santaluz/Bahia.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- CHARTIER, R. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. Estudos Históricos, n.16, p. 179-192, 1995.
- COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardiã Resende; et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HAMPATE-BA, A. Tradição viva. In: KIZERBO, J. *História geral da África: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática/Paris, UNESCO, 1982.
- IMAQ. Instituto Maria Quitéria. *Projeto Expressões Sertanejas*. Feira de Santana-Ba. IMAQ, 2005. 28p.
- IMAQ. Instituto Maria Quitéria. *Projeto Griôs Sisaleiros*. Feira de Santana-BA: IMAQ, 2007. 27p.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. 3ª São Paulo: Atlas, 1991.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria*. São Paulo: Paulus, 2008.

ENTREVISTAS

- LIMA, José Luiz da Silva. Entrevistado, 2012. Entrevistador: Edisvânio do Nascimento Pereira. Santa Luz, 2010. Gravador digital estério zoom. Entrevista concedida para o programa Expressões Sertanejas da Rádio Comunitária Santa Luz FM.
- LIMA, José Roque Saturnino de. Entrevistado, 2010. Entrevistador: Edisvânio do Nascimento Pereira. Santa Luz, 2010. Gravador digital estério zoom. Entrevista concedida para o programa Expressões Sertanejas da Rádio Comunitária Santa Luz FM.
- M.J.D.M. Entrevistada, 2007. Entrevistador: Edisvânio do Nascimento Pereira. Santa Luz, 2010. Gravador digital estério zoom. Entrevista concedida para o programa Expressões Sertanejas da Rádio Comunitária Santa Luz FM.
- P.I.C. Entrevistado, 2010. Entrevistador: Edisvânio do Nascimento Pereira. Santa Luz, 2010. Gravador digital estério zoom. Entrevista concedida para o programa Expressões Sertanejas da Rádio Comunitária Santa Luz FM.

